



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO
LETRAS – TRADUÇÃO

DENISE CARDOSO BARBOSA

A RECEPÇÃO DE TRADUÇÕES DE PSICANÁLISE:
UM ESTUDO DE CASO DAS TRADUÇÕES DO LIVRO *EL GRAFO DEL DESEO* DE
ALFREDO EIDELSZTEIN

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Brasília
2019

DENISE CARDOSO BARBOSA

A RECEPÇÃO DE TRADUÇÕES DE PSICANÁLISE:
UM ESTUDO DE CASO DAS TRADUÇÕES DO LIVRO *EL GRAFO DEL DESEO* DE
ALFREDO EIDELSZTEIN

Trabalho apresentado como requisito parcial à obtenção de menção na disciplina Projeto Final de Curso Letras-Tradução, sob a orientação da professora Alba Elena Escalante Alvarez, do curso de Letras-Tradução da Universidade de Brasília.

Brasília/DF
2019

DENISE CARDOSO BARBOSA

Folha de aprovação

**A RECEPÇÃO DE TRADUÇÕES DE PSICANÁLISE:
UM ESTUDO DE CASO DAS TRADUÇÕES DO LIVRO EL GRAFO DEL DESEO
DE ALFREDO EIDELSZTEIN**

Trabalho apresentado como requisito parcial à obtenção de menção na disciplina Projeto Final de Curso Letras-Tradução, sob a orientação da professora Alba Elena Escalante Alvarez, do curso de Letras-Tradução da Universidade de Brasília.

Aprovada em: ___/___/___.

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Sandra María Pérez López

Profª Drª Luciana Krissak Pinheiro Salum

Profª Drª Alba Elena Escalante Alvarez
(Orientadora)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os funcionários da instituição de ensino Universidade de Brasília, por todo o apoio e por proporcionarem um ambiente favorável para o meu desenvolvimento durante o curso.

Agradeço a todos os professores do curso de Tradução – Espanhol, por todos os conselhos e ajuda durante os meus anos dedicados ao curso.

Agradeço à minha professora orientadora, a Dr^a. Alba Escalante, pelo empenho dedicado ao meu projeto de pesquisa, pela paciência e disposição e, principalmente, por ser uma grande inspiração como acadêmica e como pessoa, e por oferecer palavras de conforto e motivação nos momentos em que mais precisei.

Agradeço ainda aos meus amigos e familiares, que, ao longo desta etapa me encorajaram e me apoiaram, me fortalecendo e incentivando, e partilhando cada conquista alcançada.

Agradeço à minha terapeuta, Pollyana, por ter me guiado, me aconselhado e me ajudado a enxergar o meu potencial.

Agradeço especialmente à minha mãe, Benta, por ter me apoiado e proporcionado um ambiente confiável e confortável, mesmo frente a tantas dificuldades.

Agradeço ao meu companheiro, Zoé, por me apoiar e andar ao meu lado em todos os momentos

RESUMO

Considerando a interface de conhecimento tradução e psicanálise e as diversas discussões que permeiam estes campos, algumas reflexões surgem quanto à recepção de produções nesse âmbito de pesquisa. Objetiva-se, portanto, entender, por meio de uma análise paratextual de traduções, como se dá a recepção das obras psicanalíticas traduzidas e qual é o papel do tradutor nesta tarefa. Para tanto, baseando-se nas propostas de Torres (2011), os elementos paratextuais foram classificados como índices morfológicos e discurso de acompanhamento; o primeiro concernente aos elementos externos de um livro e o segundo, aos elementos internos. Para realizar as análises de uma maneira geral, buscou-se responder perguntas também elaboradas por Torres (2011). Posteriormente, os discursos de acompanhamento foram organizados de acordo com os parâmetros de análise propostos por Carneiro (2015), com o objetivo de guiar o percurso de maneira mais didática. Dessa forma, observou-se que as traduções enriqueceram o original; as traduções são lidas como traduções e as traduções conversam entre si. Isto permite concluir que o reconhecimento da atividade da tradução e do tradutor pode se desenvolver a partir do reconhecimento que o outro faria desse papel na transmissão do conhecimento. Esta pesquisa procura apresentar hipóteses sobre essas discussões e contribuir para que, de alguma forma, os tradutores se apropriem dos próprios trabalhos.

Palavras-chave: Tradução e Psicanálise. Tradutor. Paratexto. Antoine Berman. El grafo del deseo.

RESUMEN

Teniendo en cuenta la interfaz de conocimiento traducción y psicoanálisis y las diversas discusiones que permean estos campos, surgen algunas reflexiones sobre la recepción de las producciones en esta área de investigación. De esta manera, el objetivo es entender, a través de un análisis paratextual de traducciones, cómo es la recepción de las obras traducidas psicoanalíticas y cuál es el papel del traductor en esta tarea. Por lo tanto, basado en las propuestas de Torres (2011), los elementos paratextuales fueron clasificados como índices morfológicos y discurso de acompañamiento; el primero se refiere a los elementos externos de un libro y el segundo, a los elementos internos. Para llevar a cabo los análisis en general, hemos tratado de responder las preguntas también producidos por Torres (2011). Posteriormente, los discursos de acompañamiento fueron organizados de acuerdo con los parámetros de análisis propuestos por Carneiro (2015), con el objetivo de guiar el curso de la manera más didáctica. De esa forma, se observó que las traducciones han enriquecido el original; las traducciones son leídas como traducciones y las traducciones se comunican entre sí. Esto permite concluir que el reconocimiento de la actividad de la traducción y del traductor puede desarrollarse a partir del reconocimiento de que el otro haría de este papel en la transmisión del conocimiento. Esta investigación busca presentar hipótesis sobre estas discusiones y contribuir, de alguna manera, a los traductores que se apropien de su propio trabajo.

Palabras-clave: Traducción y Psicoanálisis. Traductor. Paratexto. Antoine Berman. *El grafo del deseo.*

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - INFORMAÇÕES CONTIDAS NAS CAPAS	18
TABELA 2- INFORMAÇÕES CONTIDAS NAS ORELHAS.....	19
TABELA 3 - INFORMAÇÕES CONTIDAS NAS PÁGINAS DE ROSTO	19
TABELA 4 - INFORMAÇÕES CONTIDAS NOS VERSOS DAS PÁGINAS DE ROSTO	20
TABELA 5 - TRECHOS DA APRESENTAÇÃO ESCRITA POR MAURO MILANACCIO.....	25
TABELA 6 - TRECHOS DO PREFÁCIO DOS TRADUTORES ESCRITO POR ALBA ESCALANTE	26

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	1
2 TRADUÇÃO E PSICANÁLISE	4
2.1 Um diálogo existente	4
2.1.1 Psicanálise e linguística	4
2.1.2 A língua e o inconsciente	5
3 O DESCRITIVISMO	8
3.1 “Estudos Descritivos da Tradução”	8
4 A CRÍTICA BERMANIANA DA TRADUÇÃO	10
4.1 A tradutologia de Antoine Berman	10
4.1 A invisibilidade do tradutor	11
4.2 O esboço de um método	12
5 ANÁLISE DOS PARATEXTOS DAS TRADUÇÕES DO LIVRO <i>EL GRAFO DEL DESEO</i> DE ALFREDO EIDELSZTEIN	14
5.1 Como a pesquisa em tradução se apoia em paratextos?	14
5.2 <i>El grafo del deseo</i>	16
5.3 Metodologia do trabalho	17
5.3.1 Resultados e análises	18
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31
ANEXO A - PRESENTAZIONE DE MAURO MILANACCIO, TRADUTOR DO LIVRO <i>EL GRAFO DEL DESEO</i>	34

1 INTRODUÇÃO

Dado o caráter interdisciplinar e a conexão entre a tradução e a psicanálise, não seria estranho haver interesse por parte da pesquisa acadêmica em produzir debates nessa direção. Não por acaso, ao longo dos anos esse interesse mostrou-se cada vez mais presente, posto o crescimento de trabalhos que têm como essência estes temas.

Quando se fala de tradução, muitas vezes o assunto principal dentro do senso comum apresenta “o problema” de um certo texto traduzido, ou “o erro” produzido por um tradutor. Nesse sentido, por ser uma atividade muito antiga e tão comum, acaba sendo repleta de dizeres sobre ela de todos os tipos. A psicanálise, por sua vez, muitas vezes também partilha desse mesmo padecimento.

É claro que estas duas áreas não compartilham apenas o rechaço. Teóricos das duas áreas, cada um em seu espaço, não mediram esforços para traçar uma confluência entre essas partes. É claro que não foi muito difícil relacioná-las, pois, de fato, elas têm muito em comum. A linguagem é um destes elementos que está presente em muitos trabalhos que contemplam as duas áreas; tanto porque é o elemento por onde a psicanálise trabalha, quanto porque é o fundamento sem o qual não existe possibilidade ou mesmo impossibilidade de tradução.

Percebendo esse interesse, apresentamos uma linha histórica que visa a contextualizar e, ao mesmo tempo, refletir sobre a recepção da tradução de textos psicanalíticos. Nesse sentido, o presente trabalho é uma monografia de conclusão de curso que tem como proposta acrescentar reflexões às discussões entre a tradução e a psicanálise.

Em um momento anterior, um outro trabalho realizado neste mesmo âmbito impulsionou a ampliação que resultou nesta pesquisa. Trata-se de um projeto de iniciação científica intitulado *Análise dos paratextos das traduções do livro El grafo del deseo de Alfredo Eidelsztein*, que teve como proposta tentar entender como obras traduzidas chegam em determinado sistema cultural através da análise de paratextos de traduções. Foram realizadas, então, análises de três traduções do livro *El grafo del deseo*, do psicanalista argentino Alfredo Eidelsztein. Dessa forma, foi possível fazer considerações acerca da recepção dessas traduções e qual o papel do tradutor em meio a todo esse processo.

É importante ressaltar que, no decorrer de sua elaboração, o referido trabalho foi submetido algumas vezes ao crivo externo. Em um primeiro momento, foram apresentados dados parciais no evento V Jornadas Internacionales de Traductología, realizado em Córdoba, na Argentina. Em um segundo momento, já finalizado, foi apresentado no 25º Congresso de Iniciação Científica da Universidade de Brasília e 16º Congresso de Iniciação Científica do Distrito Federal, como requisito parcial para aprovação e conclusão do programa de iniciação científica.

O trabalho em pauta foi fruto de discussões realizadas no grupo de estudos Tradução e Psicanálise – Políticas de transmissão, que hoje está circunscrito no grupo de pesquisa MapTrad – Mapeamentos em Tradução. À época, questões voltadas às pesquisas entre os dois campos eram discutidas em reuniões semanais. Dessa maneira, surgiram temas de pesquisa que posteriormente resultaram em trabalhos de PIBIC e, agora, no presente trabalho de conclusão de curso.

A minha trajetória no grupo em questão começou a partir da curiosidade em aprender. Sempre buscando encontrar nas disciplinas que a universidade oferecia, tentei ir de encontro ao diverso, o alternativo, àquele que se somaria à minha inquietação. Não que Letras fosse a área que eu sempre tivesse privilegiado em minhas pesquisas pessoais, a psicanálise também não era. Mas uma vez que fui encontrada por uma, fui engolida pela outra. E, claro, ainda sou iniciante nos estudos da psicanálise. Mas foi nesse meio que encontrei várias oportunidades para dar vazão às questões que eu não sabia que poderiam ter alguma relevância. Ora, para uma pessoa que estava indo em busca da psicologia na tentativa de entender o que acontece na mente humana, acredito que encontrei um caminho inesperado na interface de estudo que é pano de fundo deste trabalho.

A partir dessas questões, neste trabalho buscamos refletir sobre o apagamento da figura do tradutor. É evidente que, para avaliar uma obra como um todo pensando na circulação de sua tradução, é praticamente impossível não pensar nos agentes envolvidos na atividade. Dessa maneira, propomos uma pesquisa apoiada em paratextos de traduções; e, ainda que saibamos que o paratexto não garante a presença do tradutor, entendemos ele poderia dar alguma ideia de como essa figura é recebida e como ele próprio se percebe. Nesse sentido, caberia uma pergunta: poderia o paratexto ser um veículo de discursos?

O paratexto, por sua vez, seria uma coleção de elementos que fazem parte de um texto, mas não são o texto propriamente dito. Isto é, podem ser apresentados

como capas, contracapas, notas de rodapé, prefácio, posfácio, entre muitos outros elementos, que estão no *limiar* entre a obra e o leitor (GENETTE, 2009). A princípio, o termo, cunhado por Genette em sua obra *Paratextos Editoriais*¹, é usado para se referir a elementos de uma obra literária. Reiteramos que, no nosso caso, embora não se trate de uma análise de obra literária, consideramos que os elementos paratextuais permitem exprimir abundantes dados sobre reflexões que estão contidas (ou não) em obras traduzidas.

Como mencionado acima, a complexidade que a psicanálise apresenta, somada ao nosso desconhecimento, nos impedem de avançar nas elaborações. Consideramos, no entanto, que essas dificuldades não são um obstáculo que nos faça renunciar àquilo que foi considerado para traçar algumas das coordenadas que reúnem esses campos. O leitor saberá compreender que o que aqui apresentamos são apenas rascunhos das possibilidades que o diálogo com a psicanálise vem nos ofertando.

Levando essas questões em consideração, este trabalho tem como objetivo acrescentar às discussões que permeiam os diálogos pré-existentes entre os campos da tradução e da psicanálise. Também, apresentar uma proposta de reflexão sobre a contextualização histórica dos Estudos da Tradução, a fim de elaborar reflexões sobre o tradutor como uma das figuras principais no processo de tradução. Para tanto, apresentamos um estudo de caso de uma obra específica, visando a retratar essas ponderações.

Dessa forma, os quatro capítulos que compõem este trabalho estão divididos da seguinte maneira:

O primeiro capítulo elabora uma ponte que liga os temas tradução e psicanálise. O segundo descreve uma síntese sobre as teorias descritivas e o papel delas na elaboração de uma crítica nos Estudos da Tradução. O terceiro tenta demonstrar uma reflexão sobre a tradutologia de Antoine Berman, e o seu papel fundamental no entrelaçamento entre a psicanálise e a tradução. O quarto capítulo apresenta uma análise dos paratextos das traduções do livro *El grafo del deseo*. E, por último, as considerações finais mostram as ponderações que se originaram deste trabalho.

¹ GENETTE, Gérard. **Paratextos Editoriais**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

2 TRADUÇÃO E PSICANÁLISE

Neste capítulo, iremos trabalhar a articulação entre os campos tradução e psicanálise. Para tanto, julgamos pertinente apresentar algumas das ideias que compõem o campo de estudos da psicanálise para elaborar esse entrelaçamento. Dessa forma, apresentamos alguns argumentos que surgem quando se associa a psicanálise aos Estudos da Tradução. Esse vínculo foi traçado mostrando alguns princípios da teoria psicanalítica que têm vínculo com a linguagem e, portanto, com a tradução.

2.1 Um diálogo existente

Na última década, a literatura acadêmica tem mostrado grande interesse na comunicação entre a tradução e a psicanálise. Isto porque o elo entre os dois campos do conhecimento tem se mostrado cada vez mais consolidado, uma vez que o *corpus* produto desse diálogo cresceu consideravelmente no Brasil. Após a entrada da obra de Sigmund Freud em domínio público, surgiram as primeiras traduções diretas do alemão ao português, e o aumento da produção de trabalhos sobre traduções de textos psicanalíticos foi uma das consequências disso. Esse evento ocasionou um processo de renovação das pesquisas nas áreas (ARAUJO, 2017).

Baseado nessa premissa, apoiamos muitas das questões colocadas entre os dois campos em proposições do teórico Antoine Berman, que é um dos poucos teóricos dos Estudos da Tradução que faz menção específica a essa categoria chamada “inconsciente” para trabalhar as tendências deformadoras, quando propõe uma *analítica da tradução* baseada nas teorias psicanalíticas.

2.1.1 Psicanálise e linguística

Embora o aumento das pesquisas nesse campo de interrelação tenha ocorrido nos últimos anos, essa relação entre as disciplinas não é algo necessariamente novo. Em 1891, no texto *Sobre a concepção das afasias*¹, Freud desenvolve a primeira noção fundamental de sua metapsicologia, o conceito de

¹ FREUD, Sigmund. **Sobre a concepção das afasias**. 1981.

representação. A partir das experiências vividas, a representação seria um conjunto de associações mentais realizadas onde o sujeito faria uma “reconstrução complexa” da realidade. É apoiado nesses princípios que Freud propõe o conceito de “representação de palavra” (PERES; CAROPRESO; SIMANKE, 2015).

Lacan, então, considera que a psicanálise é uma experiência de linguagem. Logo, se os sintomas são curados através da fala, então a psicanálise deveria ser estudada através dos conceitos que se aproximassem da linguística. Dessa forma, após o seu extensivamente citado retorno a Freud, Lacan afirma que “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”. Para defender essa ideia, Lacan, se apropria e reformula os conceitos de signo linguístico proposto por Saussure, linguista pioneiro do método estrutural (DUNKER, 2017).

Na formulação de Saussure, a linguagem é formada por signos, elementos linguísticos que unem cada conceito a uma imagem acústica. Os termos significante e significado são utilizados para representar a imagem acústica e o conceito, respectivamente. Dessa forma, cada símbolo representa a relação biunívoca entre um significante e significado (FERREIRA, 2002). Sendo essas relações arbitrárias e definidas pelas tradições das linguagens, os símbolos são arbitrários e somente o tempo pode transformá-los (BARRETO, 2010).

Lacan, em sua reformulação da teoria de Saussure, defende que não existe relação biunívoca entre um significante isolado e qualquer significado, mas que a significância surge das associações entre os significantes. Dessa forma, Lacan, questiona a existência dos signos e a existência de uma lei global dentro do contexto de uma linguagem que define o significado de uma cadeia de significantes, pois quem atribui o significado à cadeia de significantes é o receptor ou o transmissor da mensagem de forma não arbitrária (FERREIRA, 2002; BARRETO, 2010).

Frota (2015) ainda lembra do que diz Lacan sobre a interpretação dos sonhos: “Freud faz Linguística sem que o saiba, sem que tenha disso a menor ideia” (LACAN, 1977, p. 10, apud FROTA, 2015, p. 283).

2.1.2 A língua e o inconsciente

Como já foi possível perceber, o inconsciente está intimamente ligado à linguagem. Para Frota (2015):

Difícil parece-me, hoje, falar de qualquer ato, marcadamente os de língua, sem considerar o inconsciente, o recalcado, o desejo que constitui esse ato e que nesse próprio ato se constitui, veladamente se expressando. Difícil parece-me, hoje, falar de atos tradutórios, sobretudo dos falhos, ignorando formulações freudianas, como as que os lapsos de língua implicam. (p. 278)

Embora a maioria dos psicanalistas considere o inconsciente como sendo o conceito fundamental da psicanálise, este mesmo consenso é incerto com relação à sua definição exata. Ainda que Freud não tenha sido o primeiro a pensar na questão do inconsciente, foi ele quem reavivou e reformulou o conceito. Antes de Freud, a palavra inconsciente era usada para denominar algo que era oposto à consciência, mas não para designar “um sistema psíquico distinto dos demais e dotado de atividade própria” (GARCIA-ROZA, 1984, p. 168-170).

Para qualquer psicanalista a quem se pergunte do que se trata, sempre parece haver uma hesitação quanto ao seu real significado. Sempre que se está perto de descobrir o que é o inconsciente ele parece escapar. Quiçá isso se deva à necessidade de aceitar que o inconsciente não é, mas se realiza e, nesse sentido, requer um analista. Eis uma especificidade da psicanálise como campo terapêutico e de pesquisa.

Para Garcia-Roza (1984), o inconsciente, no entanto, não consiste em desordem e caos, muito pelo contrário. Sobre isso ele alerta que:

quando Freud estabelece como regra fundamental da situação analítica a associação livre, ele não pretende que o “livre” signifique ausência de determinação. Pelo contrário, o valor metodológico da associação livre reside exatamente no fato de que ela nunca é livre. É na medida em que o paciente fica livre do controle consciente (dentro dos limites possíveis), não permitindo que a coerência lógica se imponha ao seu relato, que uma outra determinação se torna acessível: a do inconsciente. A associação livre não tem por objetivo substituir o determinado pelo indeterminado, mas substituir uma determinação por outra. **O inconsciente possui, portanto, uma ordem, uma sintaxe; ele é estruturado e, segundo nos diz Lacan, estruturado como uma linguagem.** (p. 170-171, grifo nosso)

Ou seja, podemos pensar que, sendo a linguagem o objeto pelo qual a psicanálise opera e, também, o elemento que é a matéria prima da tradução, não seria estranho pensar essa relação como vínculo indissociável. Apoiado nessas teorizações pré-existentes, propomos uma reflexão sobre a circulação da tradução de textos psicanalíticos e a visibilidade do tradutor no espaço dos Estudos da Tradução. Dentro desse contexto, Escalante (2017) propõe:

se o campo da psicanálise são seus textos, e se estes chegam à América Latina por meio de traduções, então, devemos nos ocupar de averiguar como chegam até nós; além disso, devemos nos perguntar sobre os efeitos silenciosos de sua recepção. (p. 14. Tradução nossa)²

É importante ressaltar, ainda, que estamos tratando da recepção de um tema complexo e que foi concebido em uma língua que, por sua vez, também contém muitas singularidades. Dessa forma, como não questionar a maneira como se estuda psicanálise a partir de suas traduções? Ora, se no Brasil uma geração inteira de psicanalistas se formou através de traduções de textos psicanalíticos, valeria, ainda que despretensiosamente, nos perguntarmos sobre as conjecturas que permeiam estes campos. Afinal, como pertinentemente levantam Oscar Cesarotto e Márcio Peter (1993, p. 17), “ainda que o inconsciente seja universal, a psicanálise não o é, ou seja, ela é refeita em cada língua, e isto traz consequências”.

² Texto fonte: si el campo del psicoanálisis son sus textos, y si estos llegan a Latinoamérica vía traducción, entonces, debemos ocuparnos de escudriñar cómo esto nos llega; más aún, debemos interrogarnos sobre los efectos silenciosos de su recepción. (ESCALANTE, 2017, p. 14).

3 O DESCRITIVISMO

Neste capítulo, iremos trabalhar um dos caminhos históricos que levou à crítica sistemática de Berman sobre a tradutologia. Dessa forma, trabalharemos algumas questões sobre a teoria descritiva e o seu papel na criação da tradutologia de Berman.

3.1 “Estudos Descritivos da Tradução”

Grande parte dos Estudos da Tradução como os conhecemos hoje teve origem no que se resultou do chamado “paradigma descritivo”¹. Em contraponto à teoria da equivalência, que visava a prescrever como seria uma boa tradução, as teorias descritivas surgiram como proposta para identificar a maneira como as pessoas traduzem, sem focar na suposta qualidade dessas traduções (PYM, 2010, p. 219).

A transformação dos Estudos da Tradução em disciplina ocorreu fundamentada nos princípios do formalismo russo, que inicialmente buscou trabalhar conceitos científicos nas áreas da sociedade tradicionalmente consideradas culturais, principalmente na literatura (PYM, 2010, p. 219-220). Essa maneira de aproximação da ciência consistiria em atingir uma formalização do argumento científico. Ou seja, a finalidade era **descobrir leis** e se aproximar de um modelo empírico de “formulação de leis abstratas baseadas em abundantes fatos observados” (PYM, 2010 p. 261, grifo do autor).

Apesar de ter alavancado conceitos fundamentais da disciplina, o descritivismo trouxe uma problemática. Segundo Pym (2010), “dado o contexto histórico, a crença geral na ciência e nos seus objetivos concedeu **pouco espaço para uma análise autocrítica** da comunidade científica ou mesmo dos efeitos sociais da própria pesquisa” (p. 260, grifo nosso).

¹ Em referência à epistemologia proposta por Thomas Kuhn em sua obra *A estrutura das revoluções científicas*, onde o filósofo traz o conceito de desenvolvimento da ciência em fases: 1) se estabelece um **paradigma**, 2) ocorre um período onde se propõe a **prova** desse paradigma, 3) ocorre a **crise**, quando esse paradigma mostra-se incapaz de resolver o problema, 4) a **ciência normal** surge para reformular os conceitos e finalmente 5) produzir uma revolução científica que se encarregará de estabelecer um **novo paradigma** (SILVA NETO, 2011).

Para Berman (2009), o descritivismo inaugura uma teoria sistemática das transferências interculturais. No entanto, para ele cabe a pergunta de “se esse saber puramente descritivo da tradução é em si suficiente”, colocando em evidência um contraponto dessa possibilidade pelos parênteses entre os quais se coloca a “verdade”:

Porque um tal saber, fugindo ao mesmo tempo à abstração das teorias clássicas, coloca entre parênteses a questão da *verdade* da tradução. Quando dissemos, por exemplo, que as “verdadeiras” traduções são raras, não partimos de um conceito dogmático do traduzir, mas de uma experiência na qual está em questão a verdade da relação com as obras (p. 344-345).

Eis que Berman, em seu projeto de fazer uma tradutologia, coloca em primeiro plano a necessidade de uma reflexividade que tentaremos esboçar para ir, em sintonia com a sua proposta, aproximando o nosso objeto.

4 A CRÍTICA BERMANIANA DA TRADUÇÃO

Neste capítulo, trabalharemos as questões que Berman coloca sobre a tradução e seu projeto para teorizar uma maneira de se fazer uma crítica de traduções. Dessa forma, tratamos de alguns argumentos propostos por ele para elaborar questionamentos sobre o fazer tradutório. A analítica de uma tradução, então, poderia ser pensada a partir de um método para descobrir informações sobre o tradutor.

4.1 A tradutologia de Antoine Berman

Dadas as múltiplas interrogações que a tradução provoca, esta atividade milenar esteve sempre acompanhada de dizeres sobre ela. É isso que Berman (2009, p. 347) chama de discursos da tradução e propõe, além dos já existentes, um novo discurso, a tradutologia: “reflexão da tradução sobre ela mesma a partir de sua natureza de experiência”.

Ao falar sobre a tradutologia, Berman advoga que se trata da “*retomada reflexiva da experiência que é a tradução*” (2009, p. 347, grifo do autor), que nada mais é do que fazer uma reflexão sobre a experiência do traduzir. Refletir sobre a experiência da tradução não seria desenvolver uma norma ou “teoria global”, visto que o discurso implícito na tradutologia não é uniforme.

Para ele, essa experiência tradutiva é realizada em uma *tripla* dimensão. Primeiramente, a experimentação da “*diferença e o parentesco das línguas*”, ou seja, trazer para a superfície as diferenças e as semelhanças existentes em cada língua. Isso significa pensar em como vencer esse obstáculo e obter essa diferença e parentesco coabitando. A segunda dimensão aborda *traduzibilidade* e a *intraduzibilidade*. Por último, “ser restituição do sentido ou reinscrição da letra” (BERMAN, 2009, p. 347).

A tradutologia, então, se encarregaria de fazer uma análise crítica dos discursos tradicionais, tendo como base essas três dimensões (opostas) tradutórias. Esses discursos, que pertencem à tradução ocidental, mostram seus efeitos nas práticas tradutórias, efeitos silenciosos já que, mesmo sem saber, operam no fazer tradutório. Essa ideia nos faz retornar aos argumentos apresentados sobre o inconsciente.

A proposta da tradutologia não está centralizada na institucionalização de um campo único do traduzir (levando em conta o caráter plural da tradução), mas na retomada da sua própria perspectiva discursiva. Atendendo a esses aspectos, Berman apresenta as tarefas possíveis de uma tradutologia. É interessante mencionar que Berman (2007, p.24), ao propor sua tradutologia se distancia do campo da objetivação, enquanto se aproxima à gramatologia de Derrida e à arqueologia de Foucault. De caráter propositivo, as tarefas da tradutologia são de grande valor para tentarmos entender essa fixação dicotômica que envolve as discussões sobre a tradução, ou seja, a insistência das discussões sobre autor-tradutor, traição-fidelidade, forma-sentido, etc.

Recortamos aqui, duas tarefas que norteiam a reflexão deste trabalho.

A *quinta tarefa* está pautada em construir o espaço do tradutor, fazendo uso da reflexão sobre ele. Para Berman (2009, p. 350), em todos os discursos não se reserva um espaço de visibilidade deste agente, pois sempre está colocado em uma posição oculta. A partir disso, em *Esboço de um método*¹, ele se pergunta: *quem é o tradutor?* Mas o conteúdo desta pergunta não significa que queiramos saber os aspectos pessoais da vida do tradutor. Diferentemente de um autor de obra literária, que tem sua vida e sua obra intimamente ligadas. Como veremos mais à frente, esta pergunta possui outra finalidade.

A *nona tarefa* trata de oferecer à tradutologia o seu espaço como um discurso da tradução através do *comentário* e da *crítica*, uma vez que estes estão intimamente ligados.

4.1 A invisibilidade do tradutor

Concordamos com Frota (2015) quando pensamos na tradução como uma atividade que se resulta diversa, interdisciplinar e multidisciplinar. Ela menciona que, embora esse seja um fator que permite a interlocução entre vários outros campos – no nosso caso, especialmente o da psicanálise – podemos pensar que isso exija, de certa forma, que o tradutor também seja interdisciplinar. A autora ainda menciona que os tradutores acabam sempre possuindo outras profissões; eles são sempre

¹ *Esquisse d'une méthode* é um capítulo do livro *Pour une critique des traductions: John Donne*, obra póstuma de Antoine Berman lançada em 1995, na coleção *Bibliothèque des Idées*, pela editora Gallimard. (Tradução de Alba Escalante e Júlia Mendes),

“tradutores e”. Dessa forma, não seria estranho pensar se isso poderia pressupor uma certa dificuldade em reconhecer que o tradutor é exclusivamente tradutor? Ou, também, em meio a toda essa pluridisciplinariedade, seria fácil que se perdesse a figura do tradutor? Então, sendo o tradutor esse personagem com habilidades distintas e que realiza um trabalho tão complexo, por que, na maioria das vezes, ele não é lembrado?

Venuti (1995, p.1-2) destaca o termo “*invisibility*” para descrever como aceitável uma tradução que fosse “fluida” o suficiente a ponto de que não se pudesse perceber a presença do tradutor. Em outras palavras, uma boa tradução deveria ser lida tal qual seria o texto original, privilegiando a estrutura de maneira que o texto não aparentasse uma produção estrangeira. A consequência direta disso, no entanto, é a inevitável invisibilidade do tradutor.

Considerando que o famoso mapa de Holmes não contempla o tradutor, Chesterman (2004) propõe, de uma concepção sociológica, que se acrescente os Estudos do Tradutor (*TranslaTOR Studies*) aos Estudos da Tradução. Dessa forma, com esse acréscimo, uma versão atualizada do mapa possibilitaria resolver, pelo menos em partes, aquilo que Holmes teria esquecido de abordar sobre o tradutor em seus estudos.

Berman (2007, p. 44) menciona que “o estatuto oculto, rechaçado, vergonhoso” da tradução, que resulta no que ele chama de traduções etnocêntricas e hipertextuais, está interiorizado nos tradutores, e isso se revela nas desculpas antecipadas que podem ser localizadas em um espaço discursivo dos paratextos do tradutor.

4.2 O esboço de um método

Um livro, traduzido ou não, sempre que lido, passa a formar parte do sistema de semioses infinitas que desenha aquilo que conhecemos como contexto cultural. A virada cultural (WILLSON, 2013, p. 86) dos Estudos da Tradução, tem como objetivo interdisciplinar esse tipo de pesquisa, que privilegia o papel de mediação de obras traduzidas e os efeitos disso tanto na cultura fonte quanto na cultura receptora (GENTZLER, 2009, p. 109).

No meio dessa diversidade, como produzir críticas não prescritivas? Como ter acesso às ideias que permearam as escolhas de um tradutor, quando saímos do

conforto proporcionado pela prescrição? Como mencionado acima, para responder essas perguntas, Berman propõe, em *Pour une critique des traductions: John Donne*², o *Esboço de um método*³. Neste capítulo, ele propõe pensar nas seguintes premissas:

Nos importa saber se ele é francês ou estrangeiro, se ele é "só" tradutor ou se ele exerce uma outra profissão significativa, como a de professor [...]; nós queremos saber se ele também é autor e produziu obras; de que(ais) língua(s) ele traduz, qual(is) relação(ões) ele mantém com elas; se ele é bilíngue, e de que tipo; quais gêneros de obra normalmente ele traduz, e que outras obras ele traduziu; se ele é polítradutor (caso mais frequente) ou monotradutor (como Claire Cayron); nós queremos saber quais são, então, seus domínios linguísticos e literários; nós queremos saber se ele fez a tradução no sentido indicado acima e quais são suas principais traduções; se ele escreveu artigos, estudos, teses, trabalhos sobre as obras que traduziu; e, finalmente, se ele escreveu sobre a sua prática de tradutor, sobre os princípios que a guiam, sobre suas traduções e sobre tradução no geral (BERMAN, 1995, p. 73-74. Tradução de Alba Escalante; Júlia Mendes)

De acordo com Berman (1995, p. 74), “todo tradutor mantém uma relação específica com a sua própria atividade, quer dizer, uma certa ‘concepção’ ou ‘percepção’ do traduzir, do seu sentido, de suas finalidades, de suas formas e modos.” Nesse sentido, ele propõe que a posição tradutiva é um fato que todo tradutor partilha, mas esses conceitos e preceitos acabam sendo ocultados. É a partir de comentários sobre essa posição que é possível reconstituí-la.

² BERMAN, Antoine. *Pour une critique des traductions: John Donne*. Paris: Gallimard, 1995. (Tradução de Alba Escalante e Júlia Mendes),

³ Ibidem, 1995.

5 ANÁLISE DOS PARATEXTOS DAS TRADUÇÕES DO LIVRO *EL GRAFO DEL DESEO* DE ALFREDO EIDELSZTEIN

O suporte teórico desenvolvido até aqui foi idealizado a partir de uma etapa anterior baseada nas pesquisas realizadas por Torres (2011) e Carneiro (2015), visando a produzir uma análise de paratextos de traduções para, dessa forma, tentarmos nos aproximar do que pensam os tradutores sobre o seu próprio ofício e, também, refletir sobre a recepção de traduções. O trabalho *Análise dos paratextos das traduções do livro *El grafo del deseo* de Alfredo Eidelsztein*, por mim elaborado, surgiu de uma pesquisa de iniciação científica que analisou três traduções do referido livro, a fim de encontrar discussões que se aproximassem do tema da tradução de textos psicanalíticos. Este trabalho gerou tabelas que apresentaram dados sobre a recepção das traduções e dos tradutores em seus respectivos destinos de chegada. Contudo, alguns componentes que ultrapassavam o escopo da pesquisa acabaram não participando da produção. Dessa forma, a presente monografia retoma esse debate, acrescentando dados que não participaram da pesquisa anterior.

5.1 Como a pesquisa em tradução se apoia em paratextos?

Olhar de forma detalhada para uma obra que foi traduzida em diversas línguas permite entender como são produzidas formas de leitura e significações em diversos locais e tempos. Mas essas significações não são tidas como um tipo de avaliação prescritiva da tradução de tal palavra ou fragmento, em função, por exemplo, de uma suposta fidelidade a alguma coisa. Trata-se da observação dos aspectos formais, semânticos, sintáticos, pragmáticos, dentre outros, que envolvem o conjunto da obra.

A pesquisa paratextual permite lançar conjecturas sobre as interações que ocorrem na leitura de traduções. Um texto só existe se é lido. No entanto, por questões históricas, sociais e ideológicas, as traduções, formadoras do nosso pensamento, não são lidas como traduções. Uma das consequências disso é o apagamento da figura do tradutor e uma restrição no entendimento sobre as concepções ou percepções sobre o traduzir. Outra consequência, não menos importante, diz respeito aos leitores e levanta a pergunta: um texto traduzido é lido como tradução?

Como mencionado anteriormente, analisar os paratextos de uma obra traduzida em diversas línguas supõe um exercício crítico sobre tradução que vai além

da perspectiva prescritiva. Nesse sentido, a tradução não fica restrita à passagem entre línguas, mas também inclui como uma obra é apresentada para leitores de outras línguas/culturas. Essa perspectiva permite traçar algumas coordenadas sobre a recepção não só do conteúdo, mas da obra em geral. Um dos aspectos mais relevantes dessa pesquisa consiste em apresentar evidências sobre se uma tradução é apresentada ao público receptor como tradução.

Tendo em vista que as obras traduzidas trazem uma extensa experiência de valores de diversas espécies, considera-se que elas são extremamente relevantes para se receber e compreender uma cultura diferente. Cada discurso proveniente de um texto traduzido veste uma enorme rede de significados, sendo, portanto, de grande utilidade pensar em como o tradutor, indivíduo repleto de histórias, seria o elo capaz de transportar estes significados entre culturas.

Segundo Genette (2009, p. 9, grifo do autor), o paratexto reforça o texto para apresentá-lo em seu modo mais puro: “para *torná-lo presente*, garantir sua presença no mundo, sua ‘recepção’ e seu consumo, sob a forma, pelo menos hoje, de um livro”.

E, de fato, os paratextos abrem caminho para a passagem da fala dos tradutores, mas isso não significa que o seu “espaço de visibilidade” esteja garantido. Se fosse assim, esse apagamento não estaria em discussão (BERMAN, 2009, p. 350). Em primeiro lugar, temos que observar em quais condições esse espaço é disponibilizado, porque, de outra forma, seria muita ingenuidade pensar que a escolha de *onde* ele estará visível depende unicamente do tradutor e não dos interesses dos outros agentes envolvidos (como, por exemplo, a editora). Em segundo lugar, o que essa voz quer dizer? Porque, se pensarmos em como Berman (2009) coloca a questão da verdade, até que ponto o tradutor fala e até que ponto ele é falado? Quais discursos estão por trás dessas respostas? Essa é uma das propostas da questão discursiva, pois, para que seja possível construir esse discurso dos tradutores, é necessário construir um lugar favorável para que ele se desenvolva. Como menciona Frota (2015, p. 285), em referência a Freud, não temos tanto controle dos nossos atos como pensamos, e isso se deve à “plasticidade das línguas e ao caráter fundamentalmente inconsciente do psiquismo”.

A proposta aqui é que podemos pensar no paratexto como aquilo que funciona como um suporte ao texto, como uma colaboração. Não é como se o texto precisasse de assistência para funcionar, mas atuaria como uma ferramenta, como se a

informação por si só não coubesse no texto e precisasse externalizar-se por outros meios.

5.2 *El grafo del deseo*

Estes são alguns princípios pertinentes para se iniciar uma análise das traduções da obra *El grafo del deseo*, traduzida em três línguas: italiano, inglês e português. Esse texto reúne um conjunto de aulas proferidas no curso de pós-graduação da Faculdade de Psicologia da Universidade de Buenos Aires (UBA), pelo psicanalista Alfredo Eidelsztein. Nele, o autor comenta um dos aspectos mais obscuros da teoria lacaniana, construindo um tecido de referências na tentativa de esclarecer os fundamentos utilizados por Lacan na sua teorização. Foi publicado em Buenos Aires em 1995 pela editora Manantial e, em 2005, por Letra Viva em várias reedições.

Ora, quando nos deparamos com o tema da tradução da obra de Jacques Lacan, encontramos uma trama de outros campos de referência, cuja leitura também é resultado de traduções. Daí que um texto que comenta algum aspecto da obra de Jacques Lacan precise da remissão para traduções de outros autores.

Nesse sentido, é artificial pensar que o estudo da recepção da obra de Jacques Lacan fica limitado ao estudo da obra de Sigmund Freud, numa versão atualizada do que esse autor teria apresentado como fundamentos desse novo campo científico.

El grafo del deseo é uma amostra de um tipo de trabalho que parece apresentar uma espécie de virada epistêmica para a psicanálise. A partir de uma visão geral da produção de Alfredo Eidelsztein, podemos vislumbrar que seu projeto de transmissão da psicanálise lacaniana aponta um tipo de leitura da obra de Lacan em duas perspectivas: a primeira é o resgate epistêmico que sustenta a elaboração lacaniana e a segunda, a distinção do projeto lacaniano da proposta freudiana.

O fato de este livro ter sido traduzido para línguas diversas o coloca em destaque dentro das produções de psicanalistas latino-americanos na atualidade.

O estudo paratextual dessas traduções pode proporcionar informações relevantes sobre como se apresentam, nos diversos contextos, as traduções de psicanalistas que divulgam a teoria lacaniana. Também, consideramos que, a partir de um estudo de caso, podem ser desdobradas hipóteses sobre como se inserem

essas traduções no sistema de literatura psicanalítica, como são lidas, como são recebidas pelo receptor.

5.3 Metodologia do trabalho

Para levar adiante nosso estudo, foi necessário estabelecer critérios de análise. Assim, selecionamos alguns dos elementos paratextuais (GENETTE, 2009) que, em um primeiro momento, se mostraram relevantes para esta análise, sendo estes: capa, contracapa¹, orelha, página de rosto² (frente e verso), título e prefácio.

Quanto às notas de tradução, concordamos com Carneiro (2014) em que não seria possível adicionar comentários aprofundados sobre as notas dos tradutores, pois, para fazer uma pesquisa detalhada, seria necessário fazer leituras dos livros traduzidos, e essa atividade extrapolaria os limites deste trabalho. Portanto, faremos apenas comentários breves sobre estes itens.

A primeira questão a ser sublinhada é a estrutura dos paratextos, que está fundamentada em dois aspectos, os quais, como proposto por Torres (2011), qualificamos como: índices morfológicos e discurso de acompanhamento. Trata-se, assim, de dois níveis de análise. No primeiro deles, os índices morfológicos correspondem aos elementos externos de um livro, como capa, contracapa, orelhas, página de rosto (frente e verso) e título; elementos estes que não foram arbitrariamente citados, pois foram eles os escolhidos para esta análise. O segundo – discurso de acompanhamento – refere-se ao prefácio e a algumas menções às notas do tradutor, elementos que, de fato, podem revelar informações discursivas sobre a posição tradutiva do tradutor.

Estabelecidos esses dois elementos de estrutura, elaboramos três questões importantes para guiar nosso percurso: 1. Como se apresenta a tradução? 2. O que nos mostra o paratexto? 3. O texto traduzido apresenta-se como uma *tradução assumida*? (TORRES, 2011, grifo da autora).

Para responder essas perguntas, utilizamos como base as *propostas de parâmetros para a análise de textos de livros traduzidos*³, contidas no artigo de mesmo

¹ Algumas vezes apresentada como quarta capa.

² Algumas vezes apresentada como folha de rosto.

³ CARNEIRO, Teresa Dias. **Proposta de parâmetros para análise de paratextos de livros traduzidos**. Tradução em Revista, Rio de Janeiro, p. 113-127, 2015.

nome, disponibilizado por Carneiro (2015). Em função de tais critérios, elaboramos tabelas para apresentar a análise paratextual das traduções segundo a ordem de publicação, a saber, inglês, italiano e português.

5.3.1 Resultados e análises

Tabela 1 - Informações contidas nas capas

Título	Autor	Menção ao tradutor	Editores
THE GRAPH OF DESIRE Using the Work of Jacques Lacan	Alfredo Eidelsztein	φ	KARNAC
IL GRAFO DEL DESIDERIO FORMALIZZAZIONI IN PSICOANALISI	ALFREDO EIDELSZTEIN	A CURA DI MAURO MILANACCIO	MIMESIS / STUDI DI PSICOANALISI
O GRAFO DO DESEJO	Alfredo Eidelsztein	φ	TORO Editora

De acordo com as informações contidas nesta tabela, podemos averiguar que:

- *The graph of desire* não apresenta informações sobre a tradutora. Não tivemos acesso à contracapa desta edição.
- Em *Il grafo del desiderio*, embora o nome do tradutor esteja presente, não é apresentado como tal. Na contracapa também não há informações sobre o tradutor ou a tradução.
- *O grafo do desejo* não apresenta informações sobre o tradutor ou a tradução. No entanto, a contracapa apresenta um texto que exibe uma breve descrição do texto fonte, no qual se especificam dados da publicação em espanhol e também são elencadas as traduções anteriores.

Tabela 2- Informações contidas nas orelhas

Primeira orelha	Segunda orelha
Sem acesso a essa informação.	Sem acesso a essa informação.
Resumo sobre o livro.	Mauro Milanaccio vive e trabalha em Trento, como psicanalista. É chefe do escritório Jonas Trento – <i>Centro di Clinica Psicoanalítica per i nuovi sintomi</i> - é membro fundador de ALIpsi (<i>Associazione Lacaniana Italiana di psicoanalisi</i>) e membro de Apertura, Sociedade Psicanalítica de Buenos Aires. ⁴
Resumo sobre o livro, assinado por Alba Escalante.	Resumo com informações sobre o autor.

De acordo com as informações contidas nesta tabela, podemos averiguar que:

- Nas primeiras orelhas das edições, tanto em *Il grafo del desiderio* quanto em *O grafo do desejo*, há um breve resumo sobre o livro; porém, somente a segunda está assinada pela tradutora, embora esta ainda não esteja apresentada como tal.
- Nas segundas orelhas dos dois livros estão disponíveis um breve resumo biográfico do autor; entretanto, somente *Il grafo del desiderio* possui dados sobre o tradutor.

Tabela 3 - Informações contidas nas páginas de rosto

Autor	Menção ao tradutor
<i>Alfredo Eidelsztein</i>	Translated with notes by <i>Florencia F.C. Shanahan</i>
Alfredo Eidelsztein	a cura di Mauro Milanaccio
Alfredo Eidelsztein	φ

De acordo com as informações contidas nesta tabela, observamos que:

- *The graph of desire* é a única edição a apresentar o nome da tradutora na folha de rosto.

⁴ Tradução nossa.

- *Il grafo del desiderio* apresenta o nome do tradutor, mas ainda não o apresenta como tal, mencionando apenas “aos cuidados de Mauro Milanaccio”⁵.
- *O grafo do desejo* não apresenta nenhuma menção sobre os tradutores na página de rosto.

Tabela 4 - Informações contidas nos versos das páginas de rosto

Autor	Menção ao tradutor
Alfredo Eidelsztein	φ
Alfredo Eidelsztein	Traduzione di Mauro Milanaccio
Alfredo Eidelsztein	Tradução e revisão: Alba Escalante, Cláudio Barra, Hebertt de Almeida Vasconcelos Vale, Nayara de Faria Sousa

De acordo com as informações contidas nesta tabela, observamos que:

- *The graph of desire* não apresenta o nome da tradutora no verso da página de rosto.
- Em *Il grafo del desiderio*, Mauro Milanaccio aparece como tradutor. O grafo do desejo apresenta os nomes de todos os tradutores.

Levando em consideração a catalogação dessas informações, a primeira pergunta que podemos fazer é: *como se apresenta a tradução?*

Segundo Carneiro (2015, p.117), “ainda nas livrarias ou nas bibliotecas, o leitor em primeiro lugar é atraído pelos dizeres da capa, quarta capa e orelhas, nesta ordem.” Assim, levando em consideração esse conjunto de elementos exibidos nas tabelas, foi possível fazer algumas observações sobre os paratextos.

Para este trabalho, utilizamos uma versão em PDF de *The graph of desire*. No entanto, houve carência de alguns elementos paratextuais que foram usados para as demais análises. Dessa forma, não foi possível examinar itens como orelhas e contracapa desta obra. Consideramos, assim, que os elementos principais para este estudo foram as capas, páginas de rosto (frente e verso), prefácio e algumas notas da tradutora, tornando secundários, portanto, os demais elementos acima referidos, embora úteis.

⁵ Tradução nossa.

No trabalho anterior, verificamos que, nos principais paratextos apresentados em *The graph of desire*, mostrou-se predisposição ao apagamento de traços que favorecessem a leitura da obra como uma tradução assumida. Isto porque, como podemos constatar pela **Tabela 3**, apesar de ser a única edição a apresentar o nome de Florencia Shanahan como tradutora na página de rosto, alguns outros paratextos da obra não apresentaram mais informações sobre ela. Já no presente trabalho, foi feita uma breve pesquisa sobre as notas da tradutora e foi possível constatar que, curiosamente, esta é a tradução que apresenta maior quantidade delas em comparação com as demais traduções. O conteúdo dessas notas é relacionado tanto às traduções quanto a conteúdos referentes ao tema do livro.

No que concerne a outras informações sobre a tradutora, em nova pesquisa em sites pela internet, foi possível encontrar várias publicações sobre psicanálise produzidas por Shanahan. Segundo a Radio Lacan, “Florencia Fernández Coria Shanahan é psicanalista em Dublin, membro da NLS⁶ e da AMP⁷. Ela é a representante da NLS no Comitê Internacional e correspondente de Radio Lacan”. Além disso, é membro do ICLO⁸ e membro da APPI⁹. E, embora ela seja uma pessoa bastante ativa dentro do cenário psicanalítico, não há evidências de que a sua atividade como tradutora justifique, do ponto de vista editorial, a sua presença de maneira mais evidente na obra. Não foram encontrados outros trabalhos relacionados a traduções feitas por ela.

Em *Il grafo del desiderio*, pela apresentação de informações paratextuais no verso da página de rosto e nas primeiras linhas da “apresentação” de Mauro Milanaccio, já há indícios de que a obra se manifesta como tradução. Além disso, nos demais paratextos há elementos que tornam perceptível a recepção do livro como tradução. Porém, aqui se apresenta um caso curioso que, não muito mais à frente, veremos em uma análise paratextual mais detalhada.

Como podemos observar pelas **Tabela 1**, **Tabela 3** e **Tabela 4**, *O grafo do desejo* exhibe, em seus paratextos, informações sobre as traduções anteriores (na contracapa), a presença de um dos tradutores (na primeira orelha) e, principalmente,

⁶ New Lacanian School (Nova Escola Lacaniana, tradução nossa)

⁷ Associação Mundial de Psicanálise.

⁸ Irish Circle of the Lacanian Orientation (Círculo Irlandês de Orientação Lacaniana, tradução nossa).

⁹ Association For Psychoanalysis & Psychotherapy (Associação de Psicanálise e Psicoterapia, tradução nossa).

os nomes de todos os tradutores em posição de destaque (no topo do verso da página de rosto) e o prefácio.

Em um contexto geral, o que se pode observar é que, se reunirmos todos esses paratextos apresentados até agora, as edições se apresentam como traduções. Em maior ou menor quantidade estes elementos estão presentes, o que poderia chamar a atenção do leitor.

Para responder a questão sobre “*O que nos mostra o paratexto?*”, entraremos em um segundo nível desta análise. Daqui para a frente, este trabalho se debruçou sobre dois parâmetros: o **nome do tradutor** e o **prefácio**.

Desse modo, tendo como referência questões propostas por Genette, Carneiro (2015) apresenta o primeiro tópico de observação sobre o nome do tradutor. Trata-se da localização, da posição em que o tradutor aparece no paratexto. Conforme demonstrado em seu artigo, existe no Brasil a obrigatoriedade legal de informar o nome do tradutor na ficha catalográfica do livro; qualquer outra exibição fica a critério das determinações editoriais.

Assim, ela afirma que a posição do nome do tradutor depende, em termo gerais, do seu grau de importância. Isto é, o nível do destaque e posição vai depender dos títulos que possui, acadêmicos ou não, e se ele conta com produções autorais. Carneiro (2015, p. 116) ainda afirma que “tradutores escritores recebem bem mais destaque na capa do que os tradutores profissionais não escritores, ou mesmo tradutores acadêmicos”. Ou seja, a publicidade positiva que um nome como Octavio Paz proporciona, por exemplo, é um importante fator de interesse para a venda de um livro que venha com o seu nome estampado nele como tradutor.

Em *Il grafo del desiderio* é possível observar que o nome de Mauro Milanaccio está distribuído por todo o aparato paratextual do livro. Fazendo uma busca pelos sites do IRPA¹⁰ e da ALIpsi¹¹, foi possível encontrar informações que constatarem que Milanaccio é uma figura de grande relevância dentro do cenário de estudos em psicanálise na Itália. Pensando nisso, é interessante perceber que o seu nome em posição de destaque no livro, como principal participante na publicação da edição, coloca em evidência a obra de Eidelsztein dentro desse contexto na Itália. De fato – e

¹⁰Istituto di Ricerca di Psicoanalisi Applicata. <https://www.istitutoirpa.it/component/k2/itemlist/user/290-mauromilanaccio.html>

¹¹Associazione Lacaniana Italiana di psicoanalisi. <https://www.alidipsicoanalisi.it/annodamenti-cosa-fa-tenere-assieme/>

aqui já antecipamos uma prévia do conteúdo do prefácio do tradutor –, Milanaccio menciona que, apesar de muito conhecidas na América Latina, as obras de Eidelsztein ainda são desconhecidas na Itália.

É importante relatar que, como mostra o site, o referido livro faz parte de um catálogo da IRPA que comporta uma série de livros sobre estudos internacionais em psicanálise. A edição dos livros ficou a cargo da editora Mimesis e cada livro possui uma característica diferencial relacionada aos paratextos. Os livros apresentam já na própria capa as indicações de prefácio, posfácio e introduções com os respectivos nomes das pessoas que os escreveram. Mario Milanaccio está, dessa forma, compartilhando um trabalho em meio a figuras relevantes dentro do cenário psicanalítico na Itália.

Como mencionado acima, curiosamente, embora o nome de Milanaccio esteja presente no paratexto dessa tradução, apenas no verso da página de rosto aparece a informação de que o livro foi traduzido por ele (como podemos observar na **Tabela 4**).

O grafo do desejo também é parte de um projeto de transmissão de psicanálise idealizado pela editora Toro, que é uma editora nova e dedica-se a publicações do tema. Além desse livro, até o momento a editora possui uma outra publicação do autor, intitulada *Modelos, esquemas e grafos no ensino de Lacan*¹².

Em *O grafo do desejo*, os nomes de todos tradutores aparecem no verso da página de rosto. Esses elementos paratextuais, embora, de certa forma, mais tímidos, estão em uma posição de destaque no verso da página de rosto. Mas o elemento que definitivamente atrai, fazendo questão de tornar-se visível, é o prefácio dos tradutores.

Isso nos leva ao segundo tópico de análise: o prefácio.

Para a análise dos prefácios, Carneiro (2015, p.119) propõe, baseada na frequência com que esses elementos apareceram em sua tese de doutorado¹³, um esquema de movimentos “e passos prototípicos nos prefácios de tradutor”, demonstrados a seguir:

¹² EIDELSZTEIN, Alfredo. **Modelos, esquemas e grafos no ensino de Lacan**. São Paulo: Toro Editora, 2019.

¹³ CARNEIRO, T. D. - CONTRIBUIÇÕES PARA UMA TEORIA DO PARATEXTO DO LIVRO TRADUZIDO: caso das traduções de obras literárias francesas no Brasil a partir de meados do século XX.

MOVIMENTO 1 – APRESENTAÇÃO DA EDIÇÃO

MOVIMENTO 2 – BIOGRAFIA DO(S) AUTOR(ES)

Passo 2A – Fatos histórico-biográficos

Passo 2B – Escola literária de pertencimento

Passo 2C – Fontes e influências

MOVIMENTO 3 – O CONJUNTO DA OBRA E A OBRA ESPECÍFICA

Passo 3A – Significado da obra específica no conjunto da obra

Passo 3B – Análise literária (estilo, temas, construção literária)

Passo 3C – Exemplos concretos

MOVIMENTO 4 – DIFICULDADES / PECULIARIDADES DA TRADUÇÃO

Passo 4A – Exemplos concretos

MOVIMENTO 5 – JUSTIFICATIVAS PARA O PROJETO TRADUTÓRIO

Passo 5A – Descrição do projeto tradutório

Passo 5B – Contribuições teóricas

Passo 5C – Possíveis deficiências da tradução

Passo 5D – Perspectiva humilde, com ou sem pedido de desculpas

Como já foi observado anteriormente, apenas *Il grafo del desiderio* e *O grafo do desejo* apresentam prefácio do tradutor.

De acordo com esse esquema, foi possível constatar que o conteúdo do prefácio escrito por Milanaccio aborda, nessa sequência, o MOVIMENTO 1 – APRESENTAÇÃO DA EDIÇÃO; o MOVIMENTO 3 – O CONJUNTO DA OBRA E A OBRA ESPECÍFICA; o MOVIMENTO 5 – JUSTIFICATIVAS PARA O PROJETO TRADUTÓRIO (PASSO 5C – POSSÍVEIS DEFICIÊNCIAS DA TRADUÇÃO E PASSO 5D – PERSPECTIVA HUMILDE, COM OU SEM PEDIDO DE DESCULPAS) e, por último, movimento 2 – BIOGRAFIA DO(S) AUTOR(ES) (PASSO 2A – FATOS HISTÓRICO-BIOGRÁFICOS).

Tabela 5 - Trechos da apresentação escrita por Mauro Milanaccio¹⁴

<p>Algumas perdas estão, portanto, em jogo: a reprodução da transmissão oral sofre um certo congelamento para se tornar uma palavra escrita e, posteriormente, a tradução em outra língua, embora semelhante, traz inevitavelmente alguns deslizos e mudanças que tornam o texto de chegada parcialmente diferente do texto de partida.</p>	<p>MOVIMENTO 5 – JUSTIFICATIVAS PARA O PROJETO TRADUTÓRIO Passo 5C – Possíveis deficiências da tradução Passo 5D – Perspectiva humilde, com ou sem pedido de desculpas</p>
<p>Aqui quero agradecer ao autor por ter abraçado com entusiasmo a proposta de traduzir seu livro para o italiano e por ter pacientemente esclarecido as passagens teóricas e expressões sintáticas do texto em espanhol.</p>	<p>MOVIMENTO 5 – JUSTIFICATIVAS PARA O PROJETO TRADUTÓRIO Passo 5D – Perspectiva humilde, com ou sem pedido de desculpas</p>

O primeiro ponto que se destaca é que a apresentação de Milanaccio pouco aborda elementos tradutórios. Ainda que exista a menção do MOVIMENTO 5 (JUSTIFICATIVAS PARA O PROCESSO TRADUTÓRIO), nas cinco páginas de apresentação o conteúdo é pouco explorado, se atendo fundamentalmente a falar de assuntos puramente relacionados à psicanálise e à própria obra de Alfredo Eidelsztein.

O livro também apresenta dois tipos de nota: NdC e NdT; o primeiro tipo de nota está relacionado a comentários atinentes ao conteúdo da obra em si, ao passo que o segundo tipo se refere a comentários sobre a tradução.

Como o próprio Milanaccio menciona em sua apresentação, algumas questões estão em jogo. *El grafo del deseo* é uma obra escrita a partir de uma apresentação oral, depois passa pela tradução para o italiano e, portanto, sofre algumas perdas. Também comenta que Alfredo faz pesquisa há mais de 20 anos. Então, ao longo desse tempo, propostas que estão no livro foram aperfeiçoadas pelo autor (MINALACCIO, 2015). Por isso, deve-se levar em conta a diacronia da obra. Dito isso, a nossa hipótese é que o motivo pelo qual aparecem “notas de curador” se deve pelo contato pessoal que Milanaccio possui com Alfredo, o que possibilitou que ele fizesse comentários explicativos, com a finalidade de acrescentar à obra aquilo que foi revisto ao longo dos anos.

A partir dessas observações, surgem questionamentos inevitáveis: se o seu nome está estampado nos paratextos de mais visibilidade e se foi ele o responsável pela curadoria, por qual motivo ele não se apresenta como tradutor (mas apenas como

¹⁴ Tradução nossa

curador)? Além disso, ele não fala de si e apresenta um certo distanciamento da sua figura no geral (talvez de forma inconsciente, não sabemos), o que também pode indicar uma postura humilde.

Nesse sentido, cria-se uma grande interrogação sobre a sua posição tradutiva. Mas, claro, a intenção não é coagir o tradutor a se colocar em uma posição forçada para discursar sobre um trabalho que não sabemos como foi idealizado. Além disso, Berman (1995, p.74-75) comenta que essa posição não é fácil de declarar e um dos perigos nos quais o tradutor tende a cair é o da “tentação do apagamento”, e de fato parece ser o caso aqui. Ainda que exista uma posição tradutiva, ela não se externalizou. Contudo, o que está claro quanto à sua apresentação é que se trata de um texto dirigido a um público já iniciado em teorias psicanalíticas, mas não necessariamente interessado em tradução.

De maneira diametralmente oposta, *O grafo do desejo* apresentou um prefácio dos tradutores recheado de informações sobre a tradução, o tradutor e suas particularidades, como mostrado pela tabela a seguir:

Tabela 6 - Trechos do prefácio dos tradutores escrito por Alba Escalante

<p>A tradução deste livro é um trabalho coletivo, resultado de trocas entre línguas, instituições, ofícios. Explico: a proposta de iniciar um grupo de estudos na Escola Lacaniana de Psicanálise – Brasília (ELP-B), cuja temática era o livro <i>El grafo del deseo</i>, do psicanalista argentino Alfredo Eidelsztein, foi o pontapé inicial para iniciarmos um projeto de tradução, tentativa de driblar os impasses de leitura de um tema escabroso numa língua que, mesmo próxima, produz não poucos estranhamentos. Nesse contexto, demos início a uma parceria com o Curso de Tradução-Espanhol da Universidade de Brasília (UnB).</p> <p>A ideia era que os alunos realizassem um estágio para produzir uma tradução desse texto que, sendo para consumo interno da ELP-B, fosse utilizada pelos participantes do grupo de estudos. Esse projeto, coordenado por membros de ambas as instituições, se revelou extremamente frutífero, dando lugar a uma pesquisa que reúne dois campos, reunidos pelo âmago da linguagem, a saber, tradução e psicanálise.</p> <p>Governar, educar, psicanalisar e traduzir, articulados com a ideia de verdade, viram impossíveis e, nesse sentido, o anódino é a tentativa de sustentá-los sem a pergunta como baliza. Por isso, cabe lembrar ao leitor que este trabalho é – como diria Borges – um rascunho, pois o texto definitivo não corresponde senão à religião ou ao cansaço.</p>	<p>MOVIMENTO 5 – JUSTIFICATIVAS PARA O PROJETO TRADUTÓRIO Passo 5A – Descrição do projeto tradutório</p> <p>MOVIMENTO 5 – JUSTIFICATIVAS PARA O PROJETO TRADUTÓRIO Passo 5C – Possíveis deficiências da tradução</p>
---	--

<p>Encarar a tarefa de traduzir o livro de Alfredo Eidelsztein dentro de um projeto de pesquisa que incluisse alguns leigos, uns em matéria psicanalítica, e outros em matéria de tradução, possibilitou a elaboração de duas perguntas norteadoras e vários desdobramentos: o que, da psicanálise, se transmite na tradução? O que, da tradução, é transmitido pela psicanálise? A elaboração de possíveis respostas está atrelada às tarefas que dão sentido a esses ofícios.</p> <p>O convite para traduzir foi propiciado, de certa forma, pelo próprio desenvolvimento do texto do autor, quem não poupa comentários e elogios sobre as traduções dos textos de Lacan, um tema sempre rico e muitas vezes esquecido. Desta forma, a tradução, esse lugar privilegiado para o exercício crítico, foi o lócus para relançar questões que, nas traduções lidas como originais, são caladas por decreto.</p>	<p>MOVIMENTO 4 – DIFICULDADES / PECULIARIDADES DA TRADUÇÃO Passo 4A – Exemplos concretos</p> <p>MOVIMENTO 5 – JUSTIFICATIVAS PARA O PROJETO TRADUTÓRIO Passo 5A – Descrição do projeto tradutório Passo 5B – Contribuições teóricas</p>
<p>[...] Nesse sentido, a tradução deste livro permitiu revisitar o cânone que vigora na tradução de textos psicanalíticos; em alguns casos demos continuidade, em outros, decidimos ousar e propor alternativas de tradução que contam apenas com um uso tímido; tal é o caso da escolha de <i>fantasma</i> em lugar de <i>fantasia</i>, para traduzir o <i>fantasme</i> lacaniano. Essa possibilidade foi aberta, justamente, porque optamos por seguir o raciocínio do autor. Outro caso paradigmático, estimulado pela reflexão dos leigos em psicanálise, foi a escolha de <i>além</i>, para traduzir <i>mais além</i>, forma derivada do <i>au-delà</i> francês, que consideramos desnecessária, embora as fontes de pesquisa no campo indicassem o contrário.</p> <p>Antes de decidir o tratamento que daríamos ao material de citações que forma parte essencial do livro, fizemos vários ensaios. No início, tentamos costurar no texto os fragmentos das traduções brasileiras, mas isso cortava o fio da exposição feita a partir das traduções castelhanas. Assim, optamos por trabalhar com traduções indiretas, o que permitiu seguir o desenvolvimento apresentado pelo autor. Nesse procedimento, no entanto, as traduções brasileiras foram permanentemente consultadas. Elas subsidiaram algumas das nossas escolhas e permitiram acrescentar na tradução a localização dos fragmentos citados, cujas páginas se indicam entre colchetes.</p>	<p>MOVIMENTO 4 – DIFICULDADES / PECULIARIDADES DA TRADUÇÃO Passo 4A – Exemplos concretos</p> <p>MOVIMENTO 5 – JUSTIFICATIVAS PARA O PROJETO TRADUTÓRIO Passo 5A – Descrição do projeto tradutório</p>
<p>Acompanhamos a tradução de notas que, em alguns casos, deixam em evidência algumas das nossas pesquisas, e soluções adotadas, sendo também um convite para que o leitor faça seu próprio percurso e críticas. Também, seguimos, na medida do possível, e tentando não ferir a língua portuguesa, a pontuação e o traço oral característico de um livro que, por sua vez, é resultado da transcrição de aulas.</p>	<p>MOVIMENTO 5 – JUSTIFICATIVAS PARA O PROJETO TRADUTÓRIO Passo 5A – Descrição do projeto tradutório Passo 5C – Possíveis deficiências da tradução Passo 5D – Perspectiva humilde, com ou sem pedido de desculpas</p>

O prefácio de *O grafo do desejo* foi escrito por Alba Escalante, professora Doutora da Universidade de Brasília, membro da ELP-B¹⁵ e de APOLa Brasília¹⁶. Como é possível observar pela **Tabela 6**, ele apresenta uma grande diversidade de argumentos e comentários sobre o processo tradutório, sobre a tradução e sobre a postura adotada para lidar com a tradução de um texto que, como Escalante menciona no próprio prefácio, trata “de um tema escabroso numa língua que, mesmo próxima, produz não poucos estranhamentos”.

Pela riqueza de comentários e argumentos sobre a tradução e seu processo de construção que o prefácio apresenta, podemos perceber que o fato de Escalante ser tradutora e psicanalista foram fatores significativamente importantes na escrita do conteúdo do texto. E, verdadeiramente, podemos perceber que os assuntos abordados não tratam de temas pessoais, mas sobre suas próprias percepções enquanto tradutora e psicanalista, acompanhadas pela consciência dos discursos da tradução e da leitura de textos psicanalíticos traduzidos, os quais ela pesquisa constantemente. O prefácio mostra um grande nível de consciência da relação que ela tem com as suas áreas de pesquisa e como ela se coloca como tradutora frente à tradução.

Devemos salientar que Escalante fala em nome de um coletivo que inclui tradutores em formação, daí que seu envolvimento com o tema esteja além daquilo que faz o praticante da tradução. Aliás, dois dos tradutores formam parte do corpo discente do curso de Tradução - Espanhol. Dessa forma, estamos perante um caso em que a tradução, longe de ser apagada, é apresentada enquanto tal.

Quanto às profissões que comportam o campo bidisciplinar imanente aos tradutores (FROTA, 2015), poderíamos tentar destacar as profissões dos tradutores de *El grafo del deseo*. Em sua tese de doutorado, Carneiro (2015) classifica cada tradutor em mais um tipo de profissão, também sendo sempre “tradutor e”. Seguindo esta mesma lógica de classificação, podemos de dizer que os tradutores de *El grafo del deseo* são todos tradutores e pesquisadores, e alguns como Shanahan, Milanaccio e Escalante, também são tradutores e psicanalistas.

¹⁵ Escola Lacaniana de Psicanálise de Brasília.

¹⁶ Apertura Para Otro Lacan.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alguém poderia pensar que, no mundo globalizado, haverá cada vez mais pessoas que falem diferentes línguas, ou que os avanços tecnológicos permitirão prescindir da tradução como trabalho reflexivo (analítico). Sem dúvida, não somos contra a possibilidade de que as pessoas falem outras línguas, nem negamos as possibilidades da tecnologia. No entanto, neste trabalho apresentamos a maneira como um campo como a psicanálise se renova, se revitaliza. O que pode manter viva a psicanálise são as suas traduções e as questões provocadas a partir dessas traduções.

Não seria muito ousado pensar que os textos produzidos por psicanalistas são desdobramento das leituras feitas dos autores de referência. No entanto, em se tratando de propostas realizadas por psicanalistas na América Latina, essa leitura encontra-se permeada pela leitura de traduções. Nesse sentido, uma reflexão sobre a tradução parece, no mínimo, necessária. Eis que o livro *El grafo del deseo*, do psicanalista argentino Alfredo Eidelsztein, revela seu lugar de leitor de traduções. Esse gesto expresso ao longo da sua exposição chamou atenção desde o início.

Trabalhar com a interface tradução e psicanálise pode ter muitos impasses, considerando que a tradução é um campo muito amplo e com muitos desdobramentos. Por outro lado, a psicanálise também é um campo sumamente amplo e eu estou apenas me iniciando nele. Então, a minha escolha foi me autorizar a fazer uma incursão nesse campo, e, embora ainda haja imprecisões, mais adiante elas podem ser subsanadas.

Com base nas ponderações realizadas nesta monografia, podemos concluir que:

1. As traduções enriqueceram o original;

Quando realizamos uma pesquisa como esta, que busca trazer à luz transmissões da tradução que se propagam na psicanálise e vice-versa, consideramos que o próprio resultado desse trabalho produz reflexões que já dão alguma noção da inquietação que uma análise de paratextos de traduções (neste caso, de textos psicanalíticos) proporciona. Em outras palavras, se considerarmos que, ao ler um livro, nós mesmos enquanto leitores, fazemos os nossos próprios paratextos em forma de anotações, isso poderia indicar que um texto não é *apenas*

um texto, mas algo que é vivo. As palavras contidas em um texto não dizem somente aquilo que está escrito, mas, também, aquilo que poderia estar implícito. Então, se em uma obra escrita no idioma de origem, surgem comentários, por que não uma obra traduzida que experimenta trocas em diversos níveis também não apresentaria reflexões passíveis de análise?

2. As traduções são lidas como traduções e conversam entre si;

Uma obra que é lida como tradução carrega consigo um conjunto de informações sobre o próprio texto e sobre diferentes contextos culturais que estão enredados nessa seção de hipertextos. A partir disso, poderíamos tentar destampar significados de comentários dessas traduções.

Quanto a apropriação dos paratextos para realizar análises de traduções, lembramos que, ainda que tenhamos nos debruçados sobre as propostas de Carneiro (2015), o trabalho da autora tratou de paratextos de traduções de obras literárias, como na maioria das vezes ocorre. É importante manter isto em mente de maneira a evidenciar que a presente monografia contribui para estabelecimento desta tarefa como prática possível e adequada também para outras áreas.

Como Escalante expõe no prefácio de *O grafo do desejo*, o exercício crítico da a tradução proporciona o ressurgimento de questões que poderiam ter ficado dormentes na obra original. Ela ainda comenta que esse percurso demonstra ao leitor algumas partes desse exercício crítico e o convida a fazer o seu próprio. Assim, este trabalho também propõe que essa atividade possa ser feita pelo leitor em outras obras.

A possibilidade de reconhecimento da atividade de tradução e do tradutor, seja uma pessoa ou uma instituição, poderia estar dada pelo reconhecimento que o outro faz desse papel na circulação de estudo, informações e conhecimento. Nesse sentido, a nossa pesquisa visa a contribuir para esse reconhecimento.

Resta esperar para conseguir um entendimento dos efeitos subjetivos naqueles que, sendo reconhecidos como tradutores, não abraçam seus próprios trabalhos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAUJO SOBRINHO, Paulo Ubiratan. **Tradução e psicanálise: diálogo possível**. 2017. 44 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras - Tradução - Espanhol) - Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

BARRÊTO, E. F. ARBITRARIEDADE DA LÍNGUA EM SAUSSURE: DO MITO FREUDIANO AO REAL LACANIANO. **Revista Odisseia**, n. 5, 2 jul. 2012.

SILVA NETO, Sertório de Amorim e. O que é um paradigma?. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 45, n. 2, p. 345-354, jul. 2012. ISSN 2178-4582. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacf/article/view/25486>>. Acesso em: 18 dez. 2019. doi:<https://doi.org/10.5007/2178-4582.2011v45n2p345>.

BERMAN, Antoine. **A Tradução e a Letra ou o Albergue do Longínquo**. 2.^a ed. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013. 200 p. (La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain [Francês e grego]). Tradução de: Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan & Andréia Guerini.

BERMAN, Antoine. A tradução e seus discursos. **Alea**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 341-353, dez. 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2009000200011&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 15 dez. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-106X2009000200011>.

BERMAN, Antoine. **Pour une critique des traductions: John Donne**. Paris: Gallimard, Bibliothèque des idées, 1995.

CARNEIRO, Teresa Dias. **Proposta de parâmetros para análise de paratextos de livros traduzidos**. Tradução em Revista, Rio de Janeiro, p. 113-127, 2015.

CESAROTTO, Oscar; LEITE, Márcio Peter de Souza. **Jacques Lacan: Uma biografia intelectual**. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 1993.

CHESTERMAN, Andrew. O NOME E A NATUREZA DOS ESTUDOS DO TRADUTOR. **Belas Infiéis**, v. 3, n. 2, p. 33-42, 3 fev. 2015.

DUNKER, Christian. **Signo, significante e significado | Christian Dunker | Falando nlso** 150. 2017. (16m30s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MmXfx_0Tztl>. Acesso em: 16 nov. 2019.

EIDELSZTEIN, Alfredo. **El grafo del deseo**. Buenos Aires: Letra Viva, 2007.

EIDELSZTEIN, Alfredo. **The graph of desire: Using the Work of Jacques Lacan**. Tradução: Florencia F.C. Shanahan. Londres: Karnac Books, 2009.

EIDELSZTEIN, Alfredo. **Il grafo del desiderio: Formalizzazioni in psicoanalisi**. Tradução: Mauro Milanaccio. Milão: Mimesis, 2015.

EIDELSZTEIN, Alfredo. **O grafo do desejo**. Tradução: Alba Escalante; Cláudio Barra; Hebertt de Almeida Vasconcelos Vale; Nayara de Faria Sousa. São Paulo: Toro, 2017.

ESCALANTE, A. Psicoanálisis traducido y en vías de traducción. **Mutatis Mutandis**, v. 10, n.2, p. 229-254, 2017.

FERREIRA, Nadiá Paulo. Jacques Lacan: apropriação e subversão da lingüística. **Ágora (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 113-131, Junho 2002. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982002000100009&lng=en&nrm=iso.

Accesso

em: 15 dez. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982002000100009>.

FROTA, MP. Tradução & psicanálise – um encontro a convite de Freud. In: AMORIM, LM., RODRIGUES, CC., and STUPIELLO, ÉNA., orgs. **Tradução & perspectivas teóricas e práticas** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, pp. 277-302.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro Zahar

GENETTE, Gérard. **Paratextos Editoriais**. Tradução: Álvaro Faleiros. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

GENTZLER, Edwin. **Teorias Contemporâneas da Tradução**. Tradução: Marcos Malvezzi. [S. l.]: Madras, 2009.

PERES, Rodrigo Sanches; CAROPRESO, Fátima; SIMANKE, Richard Theisen. A noção de representação em psicanálise: da metapsicologia à psicossomática. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 161-174, July 2015. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652015000100161&lng=en&nrm=iso.

Accesso

em 15 dez. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/0103-56652015000100009>.

PYM, Anthony. EXPLORING TRANSLATION THEORIES. **Cad. Trad.**, Florianópolis, v. 36, n. 3, p. 214-268, Dec. 2016. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-79682016000300214&lng=en&nrm=iso.

Accesso

em 13 dez. 2019. <http://dx.doi.org/10.5007/2175-7968.2016v36n3p214>.

SILVA NETO, Sertório de Amorim e. O que é um paradigma? **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 45, n. 2, p. 345-354, jul. 2012. ISSN 2178-4582. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacf/article/view/2178-4582.2011v45n2p345>>. Acesso em: 13 dez. 2019. doi:<https://doi.org/10.5007/2178-4582.2011v45n2p345>.

TORRES, Marie-Hélène Catherine. **Traduzir o Brasil Literário: Paratexto e discurso de acompanhamento**. Volume 1. 1.^a Ed. Tubarão: Copiart, 2011. 136 p. [: Francês]. Tradução de: Marlova Aseff & Eleonora Castelli.

VENUTI, Lawrence. **The Translator's Invisibility**: A history of translation. London; New York: Routledge 1995 (Translation Studies 5).

WILLSON, Patricia. La traducción y sus discursos: Apuntes sobre la historia de la traductología. **Exlibris**, Argentina, 2013.

ANEXO A - PRESENTAZIONE DE MAURO MILANACCIO, TRADUTOR DO LIVRO *EL GRAFO DEL DESEO*¹

De Mauro Milanaccio

O texto que você tem em suas mãos é a tradução de um livro lançado há alguns anos na Argentina que contém um curso proferido pelo autor na Faculdade de psicologia de Buenos Aires em 1993. Estão, portanto, entre as palavras de Alfredo Eidelsztein e este texto, duas passagens e um intervalo de tempo. A primeira passagem, do oral ao escrito na mesma língua, a segunda do espanhol para o italiano. Algumas perdas estão, portanto, em jogo: a reprodução da transmissão oral sofre um certo congelamento para se tornar uma palavra escrita e, posteriormente, a tradução em outra língua que, embora semelhante, traz inevitavelmente alguns deslizos e mudanças que tornam o texto de chegada parcialmente diferente do texto de partida. Outra mudança de fase diz respeito ao intervalo de tempo desses vinte anos. Desde então, de fato, o autor continuou sua pesquisa e algumas questões foram aprofundadas, refinadas ou revisadas por ele. Apesar destas mudanças, o texto preserva um poder de transmissão notável, devido ao rigor conceitual com que o autor estabelece e desenvolve suas reflexões sobre a psicanálise lacaniana, o rigor que os torna atuais, interessantes e ainda plenamente válidos. Isso acontece porque Eidelsztein recolhe e assume o esforço de Lacan para uma transmissão de conceitos psicanalíticos que apostam na possibilidade de um argumento, cuja articulação é apoiada na formalização e não na evocação ou no efeito retórico.

O trabalho de Eidelsztein é, em geral, uma importante contribuição para a recuperação de uma possível leitura de Lacan de que é suscetível de ser sufocada por outras leituras, que são muito comuns nos dias de hoje, muitas vezes, em sintonia com o atual discurso, que, apesar da missão-crítica, contribui para o desconforto da civilização contemporânea. As obras de Eidelsztein, muito conhecidas na América Latina, ainda ignoradas na Itália, giram em torno da ideia de possibilitar, na psicanálise, discutir questões e questões além do prestígio ou autoridade de quem argumenta, além da difusão de certas ideias ou de suas evidências intuitivas. E, portanto, uma batalha contra o dogma, contra o preconceito e a admiração.

É um projeto de suporte à causa analítica, para o qual o autor trabalha há mais de trinta anos, e que visa recuperar as novidades enterradas no trabalho de Lacan. As novidades permaneceram ocultas, tanto pela sua originalidade - no final, tendemos a aprender apenas o que já sabemos - quanto por algumas revelações que, como eu disse, estão em continuidade com tendências de pensamento contemporâneo: individualismo, niilismo, biologização do sujeito, apenas para indicar alguns deles.

Já a partir dos títulos de algumas das principais obras de Eidelsztein, podemos identificar o corte que ele faz com relação aos temas psicanalíticos: *Modelos, esquemas e grafos no ensino de Lacan*², *Las Estructuras Clínicas a Partir de Lacan (Vol. 1 e vol. 2)*³, *La Topología En La Clínica Psicoanalítica*⁴. Um corte topológico que

¹ Tradução nossa.

² EIDELSZTEIN, Alfredo. **Modelos, esquemas e grafos no ensino de Lacan**. São Paulo: Toro Editora, 2019.

³ EIDELSZTEIN, Alfredo. **Las Estructuras Clínicas a Partir de Lacan (Vol. 1 e vol. 2)**. Buenos Aires: Letra Viva, 2001, 2003.

⁴ EIDELSZTEIN, Alfredo. **La Topología En La Clínica Psicoanalítica**. Buenos Aires: Letra Viva, 2006.

liga ciência e ética. Um corte que tem como finalidade favorecer um esclarecimento de conceitos, articulá-los adequadamente à prática do psicanalista.

A topologia é, portanto, uma espinha dorsal do plano de pesquisa do autor. Mas por que a topologia? Por que estudar e aprofundar no campo psicanalítico um conhecimento, o topológico, considerado difícil quando não incompreensível e amplamente considerado desnecessário para a clínica? Se alguém vai em busca das questões topológicas apresentadas por Lacan em seu ensino, verifica-se que, longe de ser um capricho ou mal-entendido dos últimos anos, as questões topológicas estão presentes desde os primeiros anos de seu ensino e abundam em escritos. As ocorrências dos termos relacionados à topologia têm continuidade sem igual e excedem em geral os mil. É o próprio Lacan que explica explicitamente o que é:

A questão pode ser formulada de uma maneira muito gentil e ingênua: é realmente necessário aprender a topologia para ser psicanalista? [...] A topologia não é algo que você precisa aprender a mais, como se o treinamento do psicanalista consistisse em saber de que cor ele pode pintar a si mesmo. Não há dúvida de que ele terá ou não de aprender algo sobre topologia, porque a topologia, como eu entendo, é o próprio material que, ou ele conhece ou não. Não importa se ele já abriu um livro de topologia: a partir do momento em que ele faz a psicanálise, [topologia] é o tecido no qual ele corta, no qual ele corta o assunto da operação psicanalítica. O que pode estar envolvido no que deve ser desfeito e costurado, se sua topologia é enganada, é à custa de seu paciente. Não é de ontem, obviamente, que tentei dar forma a essa construção, essas redes, esses sinais, essas redes orientadas que posteriormente foram chamadas de "esquema L", "esquema R", gráfico ou, depois de alguns anos, o uso da análise de subestruturas do situs.: 1. Jacques Lacan, *Il seminario. Libro XIII. L'object de la psychanalyse* (1965-66), inedito Traduzione nostra.

A psicanálise é uma prática que, dependendo das orientações teóricas, pode ser abordada à prática artística, filosófica ou científica, para citar apenas três dos caminhos do conhecimento que temos. Formas que não se excluem necessariamente umas às outras, mas que têm cada uma das particularidades e especificidades que definem o seu âmbito de aplicação. Para a psicanálise, sem entrar na questão atávica - que poderia facilmente tornar-se *briguenta* - da relação com a terapêutica, é uma questão de saber fazer (conhecimento aplicado), capaz de produzir efeitos direcionados mesmo que eles só possam ser explicados retroativamente. Através da discussão e do trabalho racional - leitura científica - com o objetivo de melhorar a articulação teórica da psicanálise lacaniana, o autor sempre viu claramente como horizonte a eficácia clínica da prática analítica.

A proposta do autor é fazer com que a estrutura conceitual da psicanálise coincida com o que a própria psicanálise atribui ao sujeito do inconsciente. Se o sujeito do inconsciente é um sujeito que está dividido, esta divisão, que atravessa a relação entre conhecimento e verdade, deve ser estudada além dos esquemas conceituais com os quais geralmente pensamos sobre nós mesmos e sobre o mundo. E para isso a topologia é particularmente indicada, por razões bem argumentadas por Eidelsztein, graças à sua contiguidade com o campo do inconsciente. De fato, podemos dizer com Lacan que o inconsciente funciona topologicamente: em seu domínio, a forma não tem função, assim como não têm o tamanho ou a distância; além disso, é possível introduzir uma nova relação entre o interno e o externo, subverter a relação dicotômica entre sujeito e objeto e operar com a noção de "invariantes", um conceito fundamental

para fundamentar o diagnóstico clínico nas propriedades da estrutura, independente das diferenças que surjam em cada caso.

Um programa de pesquisa deste tipo é o resultado da contribuição de muitos, é um trabalho plural e compartilhado, baseado no raciocínio lógico e, portanto, questionável e refutável. É claro que a racionalidade é uma lógica binária clássica, mas paraconsistente. Uma lógica em que os fundamentos da racionalidade se baseiam no princípio da não-contradição e do terceiro salto excluído, em que a fertilidade do significante se baseia no fato de que não pode, de maneira alguma, ser idêntica a si mesma.

A produção científica de Eidelsztein evidencia, a partir de Lacan, que, com a topologia, é possível superar ideias dicotômicas e esquemáticas que limitam o alcance dos conceitos psicanalíticos e, conseqüentemente, a possibilidade de decifrar as coordenadas clínicas que, caso a caso, ocorrem ouvindo o psicanalista.

Deve-se notar também que "grafo" é um termo importado por Lacan da topologia. Não é um "gráfico" ou um "esquema". Pelo contrário, é uma "rede" - para matemáticos "gráfico" e "rede" eles são sinônimos - e, portanto, ligados. Mas porque é chamado de "grafo do desejo" se a invenção central do caminho lacaniano, o pequeno objeto *a*, não aparece como tal entre os termos que compõem o grafo? Eidelsztein propõe uma leitura original: mesmo que não apareça explicitamente e seja cronologicamente antecedente no ensino de Lacan, é precisamente com o grafo do desejo que Lacan introduz o "objeto *a*" como objeto que causa o desejo. O objeto *a* é pensado como a própria estrutura do grafo do desejo que articula o materno e os conceitos que aparecem entre eles.

O livro de Eidelsztein é, portanto, um trabalho fundamental por pelo menos duas razões. Em primeiro lugar, de um modo mais geral, porque recupera um Lacan, aquele que se baseou na topologia e na formalização matemática, capaz de oferecer ao psicanalista as ferramentas conceituais para relançar a Psicanálise no tempo do cientificismo e da medição substancialista. Então, especificamente, porque reabre um campo de pesquisa em psicanálise onde a teoria, a clínica e a ética são rigorosamente e originariamente atadas. De fato, é necessário ter em mente que apenas uma boa teoria de referência pode produzir uma clínica capaz de afetar o mal-estar contemporâneo sofrido por pessoas que recorrem ao psicanalista.

Aqui quero agradecer ao autor por ter abraçado com entusiasmo a proposta de traduzir seu livro para o italiano e por ter pacientemente esclarecido as passagens teóricas e expressões sintáticas do texto em espanhol. Um agradecimento especial a Mario Giorgetti Fumel, com o qual sou grato pelo cuidado e precisão com que me ajudou na edição final do texto. A publicação deste livro não teria sido possível sem a determinação com a qual Massimo Recalcati apoiou e encorajou. Eu também agradeço a ele por isso.

ANEXO B – PREFÁCIO DOS TRADUTORES DO LIVRO O GRAFO DO DESEJO

Algumas palavras sobre a tradução de O grafo do desejo.

A tradução deste livro é um trabalho coletivo, resultado de trocas entre línguas, instituições, ofícios. Explico: a proposta de iniciar um grupo de estudos na Escola Lacaniana de Psicanálise – Brasília (ELP-B), cuja temática era o livro *El grafo del deseo*, do psicanalista argentino Alfredo Eidelsztein, foi o pontapé inicial para iniciarmos um projeto de tradução, tentativa de driblar os impasses de leitura de um tema escabroso numa língua que, mesmo próxima, produz não poucos estranhamentos. Nesse contexto, demos início a uma parceria com o Curso de Tradução-Espanhol da Universidade de Brasília (UnB).

A ideia era que os alunos realizassem um estágio para produzir uma tradução desse texto que, sendo para consumo interno da ELP-B, fosse utilizada pelos participantes do grupo de estudos. Esse projeto, coordenado por membros de ambas as instituições, se revelou extremamente frutífero, dando lugar a uma pesquisa que reúne dois campos, reunidos pelo âmago da linguagem, a saber, tradução e psicanálise.

Governar, educar, psicanalisar e traduzir, articulados com a ideia de verdade, viram impossíveis e, nesse sentido, o anódino é a tentativa de sustentá-los sem a pergunta como baliza. Por isso, cabe lembrar ao leitor que este trabalho é – como diria Borges – um rascunho, pois o texto definitivo não corresponde senão à religião ou ao cansaço.

Se o que conhecemos hoje como psicanálise são seus textos, a tradução se apresenta como uma possibilidade de desenvolvimento da psicanálise em extensão. Por sua vez, o discurso psicanalítico, contribui de forma inegável para desenvolver um pensamento sobre a tradução.

Encarar a tarefa de traduzir o livro de Alfredo Eidelsztein dentro de um projeto de pesquisa que incluísse alguns leigos, uns em matéria psicanalítica, e outros em matéria de tradução, possibilitou a elaboração de duas perguntas norteadoras e vários desdobramentos: o que, da psicanálise, se transmite na tradução? O que, da tradução, é transmitido pela psicanálise? A elaboração de possíveis respostas está atrelada às tarefas que dão sentido a esses ofícios.

O convite para traduzir foi propiciado, de certa forma, pelo próprio desenvolvimento do texto do autor, quem não poupa comentários e elogios sobre as traduções dos textos de Lacan, um tema sempre rico e muitas vezes esquecido. Desta forma, a tradução, esse lugar privilegiado para o exercício crítico, foi o lócus para relançar questões que, nas traduções lidas como originais, são caladas por decreto.

Após meio século da publicação dos *Écrits* de Jacques Lacan, América Latina conta com uma psicanálise lacaniana espalhada em todas suas latitudes. As trocas não cessam de acontecer; poderíamos dizer que lemos mais, mas não necessariamente melhor. A história da psicanálise em nosso continente é a história de suas traduções e isso supõe considerar os acertos e os erros de passagem. Nesse sentido, a tradução deste livro permitiu revisitar o cânone que vigora na tradução de textos psicanalíticos; em alguns casos demos continuidade, em outros, decidimos ousar e propor alternativas de tradução que contam apenas com um uso tímido; tal é o caso da escolha de fantasma em lugar de fantasia, para traduzir o *fantasme lacaniano*. Essa possibilidade foi aberta, justamente, porque optamos por seguir o raciocínio do autor. Outro caso paradigmático, estimulado pela reflexão dos leigos em psicanálise, foi a escolha de além, para traduzir mais além, forma derivada do *au-delà*

francês, que consideramos desnecessária, embora as fontes de pesquisa no campo indicassem o contrário.

Antes de decidir o tratamento que daríamos ao material de citações que forma parte essencial do livro, fizemos vários ensaios. No início, tentamos costurar no texto os fragmentos das traduções brasileiras, mas isso cortava o fio da exposição feita a partir das traduções castelhanas. Assim, optamos por trabalhar com traduções indiretas, o que permitiu seguir o desenvolvimento apresentado pelo autor. Nesse procedimento, no entanto, as traduções brasileiras foram permanentemente consultadas. Elas subsidiaram algumas das nossas escolhas e permitiram acrescentar na tradução a localização dos fragmentos citados, cujas páginas se indicam entre colchetes. A pedido dos editores, entretanto, foi feita a opção de utilizar as citações de Lacan disponíveis em português, conforme tradução das edições brasileiras de Jorge Zahar Editor. Coube ao revisor técnico fazer a troca das traduções indiretas pela versão disponível em português, acrescentando notas, quando necessário, sobre as diferenças entre os termos que aparecem na tradução oficial brasileira e aqueles utilizados pela tradução castelhana.

Acompanhamos a tradução de notas que, em alguns casos, deixam em evidência algumas das nossas pesquisas, e soluções adotadas, sendo também um convite para que o leitor faça seu próprio percurso e críticas. Também, seguimos, na medida do possível, e tentando não ferir a língua portuguesa, a pontuação e o traço oral característico de um livro que, por sua vez, é resultado da transcrição de aulas.

O grafo de desejo é um livro para estudar, é uma proposta de pesquisa de múltiplos aspectos que ainda permanecem obscuros no ensino de Lacan. Alfredo Eidelsztein é um autor generoso, e essa pode ser a chave da transferência com seu texto. Ele oferta ao leitor muitos dos segredos da biblioteca de Jacques Lacan e abre os caminhos para que cada um realize sua própria pesquisa.

Alba Escalante
Curso de Tradução Espanhol – Let/IL/UnB
Escola Lacaniana de Psicanálise - Brasília